



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
Campus Universitário - Trindade
CEP 88.040-900 - Florianópolis - Santa Catarina
FONE : (...48) 331-8803 - FAX: (...48) 331-9248

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA
pglb@cce.ufsc.br



Disciplina: FIL410038/ – Ontologia e filosofia da arte
PGL510120 – Filosofia e Literatura

Prof(a). Dr. Marcos José Müller

E-mail: marcos.muller@ufsc.br

Duração: 15 semanas - 4 créditos

Dia da semana: Segunda feira

Início do Curso: março 2017

Local:

Horário de início: 13h30min

Título do curso: "Nem estética nem inestética - a escuta Psicanalítica às vozes da arte"

Ementa: Neste curso, proponho uma discussão sobre o modo como, uma contra a outra, a psicanálise, a estética e a inestética interpelam e escutam a arte. A partir da analogia com as duas últimas, meu objetivo é delimitar que tipo de interlocução com a arte haveria de justificar a psicanálise como uma empresa crítica e, especialmente, qual o protagonismo que este discurso reservaria para a arte. Minha hipótese é que a psicanálise, ao ocupar-se das vozes da arte, reconhecendo para esta o primado na articulação de uma verdade que se diz antes como enunciação do que como enunciado, amplia nossa forma de compreender a verdade, admitindo para ela diferentes registros, os quais, a sua vez, nunca se encerram numa só unidade. Tal como o demonstra a arte, a verdade é não-toda.

Sinopse: Já são mais de quinze os anos em que tenho o privilégio de colaborar com diferentes programas de pós-graduação em artes, filosofia e psicanálise. E não foram poucas as disciplinas, bancas e orientações em que deparei-me com o mesmo questionamento dirigido ao uso que nessas atividades se fez da literatura psicanalítica para se pensar as artes, em especial a literatura. Da parte dos versados em psicanálise, a advertência de sempre contra o equívoco de se fazer uma psicanálise aplicada a despeito daquilo que a precede, conforme o que nos recomenda Freud (1933/1996, p. 145) - primeiro, a escuta ao sujeito do inconsciente nos termos de uma prática analítica e, depois, a crítica das práticas de escuta nos termos de uma discussão metapsicológica. Mas, de outra parte, o escândalo dos versados em crítica literária, por conta do uso que se faz da arte como ilustração de teses, inclusive, supostamente psicanalíticas. Leituras

Campus Universitário – Trindade – Sala 309 – 88.040-900 – Florianópolis – SC

Fone: (48) 331 9582 – Fax: (48) 331 6612 – e-mail: pglb@cce.ufsc.br

que me levam a consentir tanto a favor dos versados em psicanálise quanto a favor dos versados em crítica literária. Mas, então, o que haveria de sustentar a cercania que, em muitas pesquisas, se procura estabelecer entre a psicanálise e a arte? O que ainda justifica que sigamos orientando e avaliando teses sobre arte que usam referenciais psicanalíticos ou vice-versa?

Não me interessa aqui a especificidade dos propósitos perseguidos por analistas e artistas, cada qual em sua seara. Por consequência, não está em questão nesta disciplina avaliar a importância da mitologia grega para se pensar a gênese do sujeito do desejo, segundo a literatura psicanalítica. Tampouco está em questão em que termos, na literatura de Schnitzler ou de Sartre, na plástica de Miró de Duchamp, as reflexões de Freud constituem motivos artísticos. Trata-se, antes, de recuperar esse invento da filosofia, que se chama “crítica” do saber, e por cujo meio podemos perguntar-nos sobre a verdade, não apenas aquela já enunciada, mas especialmente aquela que se diz enquanto enunciados, seja como condição ou consequência. Noutras palavras, trata-se de reclamar seja para a arte como para a psicanálise a função de interpelar, a qual bem define a crítica filosófica. O que não implica que eu acredite que a crítica do saber seja tarefa exclusiva da filosofia. De toda sorte, como admite o próprio Lacan, *(é) estranho que, antes de Descartes, a questão do saber jamais tenha sido posta*. O que não deve ser entendido como um elogio irrestrito ao cartesianismo. Pois, logo a seguir, acrescenta Lacan *(foi preciso a análise para que essa questão se renovasse* (1985, p. 129). Mas no que a Psicanálise renovou a crítica do saber sobre a verdade? Em que sentido o diálogo entre a arte nos pode esclarecer sobre a novidade crítica que Lacan reclama para a Psicanálise?

As respostas para essas questões, eu me proponho busca-las comparando, entre si, a psicanálise, a estética e a inestética, no modo como elas três interpelam e escutam a arte. Afinal, como tributárias do saber filosófico, a estética e a inestética, uma contra a outra, reclamam para si o título de discursos críticos a respeito da arte. E se trata de discutir, neste pequeno ensaio, que tipo de interlocução com a arte haveria de justificar a psicanálise como uma empresa crítica e, especialmente, qual o protagonismo que este discurso reservaria para a arte.

Programa

- 1) **Psicanálise como crítica ao saber**
- 2) **O mal-estar nos esquemas estéticos e a posição da psicanálise**
- 3) **A verdade inestética como ortopedia do saber**
- 4) **A verdade da enunciação e a escuta psicanalítica às vozes do silêncio**

Cronograma

- 1ª sem (06/03): Item 1
- 2ª sem (13/06): NÃO HAVERÁ aula
- 3ª sem (20/03): continuidade item 1
- 4ª (27/03): idem
- 5ª sem (03/04): item 2
- 6ª sem (10/04): Item 2
- 7ª sem (17/04): Item 2
- 8ª sem (24/04): Item 3

9ª sem (01/05): FERIADO NACIONAL
10ª sem (08/05) – Continuidade item 3
11ª sem (15/05): Item 3
12ª sem (22/05): Item 4
13ª sem (29/05): Idem
14ª sem (05/06): Idem
15º sem (12/06): Estágio Docência – Entrega do trabalho
16º sem (19/06): *Estágio Docência*
17º sem (26/06): *Devolutiva dos textos*

Avaliação

Os alunos deverão, a partir de uma obra de arte escolhida a critério de cada qual, produzir um texto filosófico, o qual deverá ser lido por um colega e pelo professor.

Referências bibliográficas

ADORNO, T., HORKHEIMER, M. “Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos”. 2 ed. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BADIOU, Alan. *Pequeno manual de inestética*. Trad. Marina Appenzeller. Rio de Janeiro, Loyolla, 2002

DESCARTES, René. *Meditações metafísicas*. Trad. de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. – 2. ed. – São Paulo: Abril Cultural, original, versão 1979.

FREUD, S. Leonardo Da Vinci e uma lembrança de sua infância . *in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XI. Rio de Janeiro: Imago, 1910/1996*

_____. Novas conferências introdutórias – Explicações aplicações e orientações. *in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1933/1996.*

HOMERO. Versão. *Odisséia*. Tradução Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1994.

KAFKA, Franz. O silêncio das sereias, in: *Narrativas do espólio*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras: 2002, p. 104-106

LACAN, Jacques. Préface (1970), In: RIFFET-LAMAIRE, Anika. *Jacques Lacan*. 2.ed.– Bruxelles: Dessar, 1977

_____. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Versão de M. D. Magno – 2.ed. – RJ: Zahar, 1988.

_____. *Escritos*. (1966). Trad. Vera Ribeiro – RJ: Zahar, 1989.

_____. Mais, ainda. (1972-3) Versão bras. de M. D. Magno – 2.ed. – RJ: Zahar, 1985.

LEIBNIZ, *Princípios de Filosofia ou Monadologia*. Trad. Luís Martins, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2000.

- MERLEAU-PONTY, _____ La doute de Cézanne, in: _____ *Sens et non-sens* (1945). Paris: Gallimard, 1966.
- _____. *La Nature* - Notes de cours du Collège de France. (1956). Établi et annoté par Dominique Séglard. - Paris: Seuil, 1995
- _____. *Signes*.- Paris: Gallimard, 1960
- MILLER, Jacques-Alain (1994-5). *Silet – Os paradoxos da pulsão, de Freud a Lacan*. Trad. Celso Rennó Lima: texto estabelecido por Angelina Harari e Jésus Santiago – RJ: Jorge Zahar, 2005.
- PLATÃO. *A República*; São Paulo: Nova Cultural, 2000. 352 págs. Tradução de Enrico Corvisieri. 2000
- SHEPHERDSON, Charles. Uma libra de carne. *Discurso*, (36), 2006, pp.95-125.
- SAFATLE, Vladimir. A teoria das pulsões como ontologia negativa. *Discurso*, (36), 2006, Pp.151-191.
- SOLLER, Colette. (1977). O sujeito e o Outro I e II, in: FELDSTEIN, Richard, FINK, Bruce, JAANUS, Maire (orgs). *Para Ler o Seminário 11*. Trad. Dulce Duque Estrada. RJ: Jorge Zahar, 1977.
- ZIZEK, Slavoj; DALY, Glyn.. *Arriscar o impossível: Conversas com Zizek*. Trad. Vera Ribeiro. SP: Martins Fontes, 2006.